

Cobertura da Mídia no Caso do Hospital Evangélico em Curitiba¹

Beatriz de Oliveira Souza Moreira²

Andressa Santos Turin³

Lais Astete Rawski De Paula⁴

Elza Aparecida de Oliveira Filha⁵

Universidade Positivo – Curitiba/PR

Resumo

O artigo tem como principal finalidade analisar a cobertura feita pela mídia no caso da médica Virgínia Soares de Souza, acusada de homicídio contra pacientes do Sistema Único de Saúde dentro do Hospital Evangélico, em Curitiba, onde era chefe da Unidade de Terapia Intensiva (UTI). As notícias sobre o caso começaram a circular na imprensa dia 17 de fevereiro de 2013 e, desde então, o caso foi noticiado com bastante destaque e periodicidade na mídia até que, no dia 19 de fevereiro, a médica foi presa acusada de antecipar mortes. Usando como guia os conceitos de valor-notícia, sensacionalismo e jornalismo de referência, o artigo busca compreender a importância do caso para o jornalismo local, além de destacar diferenças nas abordagens de dois jornais impressos de grande circulação na capital paranaense: Gazeta do Povo e Tribuna do Paraná.

Palavras-chave: Valor-notícia; sensacionalismo; Curitiba; Médica; Eutanásia

Introdução

Foram as escutadas telefônicas feitas em investigação pela polícia civil do Paraná e as denúncias de ex-funcionários, que culminaram com a prisão da médica-chefe da UTI – Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Evangélico, a doutora Virgínia Helena Soares de Souza. A médica é acusada pelo Ministério Público de desligar aparelhos de 7 pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) e abrir espaço em leitos para usuários de planos de saúde privados. Logo no início das investigações, Virgínia foi a única detida dentre os 7 acusados

¹ Trabalho apresentado à Área 1, Jornalismo, do Intercom Junior, IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo (Curitiba/PR) e mail: bea.smoreira@gmail.com

³ Estudante do segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo (Curitiba/PR) e mail: andressaturin@hotmail.com

⁴ Estudante do segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo (Curitiba/PR). e mail: laisrawski@hotmail.com

⁵ Professora orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos (2006), mestre em Sociologia pela UFPR (2002), professora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo (Curitiba/PR), ex-coordenadora do GT Jornalismo Impresso da Intercom (2009 a 2012).

(mais 3 médicos, 3 enfermeiros e uma fisioterapeuta também estavam sendo investigados). Uma semana depois, a Justiça converteu a prisão em preventiva. Em seguida, o advogado dela entrou com o pedido de liberdade, que foi aceito e permite que a médica responda o processo em liberdade.

O que torna o caso da médica interessante para este artigo é a abordagem feita pelos dois jornais de maior circulação em Curitiba: A Gazeta do Povo e a Tribuna do Paraná. Com linhas editoriais parecidas e públicos diferentes, as capas e edições impressas durante o período de 10 dias, a partir da data em que a médica foi presa, dia 19 de fevereiro, demonstram as conclusões das respectivas organizações e seus jornalistas. Assim como o destaque dado ao caso por meio do tamanho e do espaço utilizados na primeira página, além da periodicidade do caso. Cada um com seu estilo e valor moral.

Em *Teorias do Jornalismo, a tribo jornalística*, Nelson Traquina (2005), qualifica as notícias atribuindo valores, de acordo com critérios substantivos, contextuais e estruturais. É a relação entre esses critérios, os editoriais dos jornais, e o caso da médica Vírginia Soares de Souza que procuramos abordar no presente artigo. Durante o estudo, ficou claro que o tratamento, apesar de situar-se no mesmo campo moral – uma vez que ambos os veículos pertencem ao mesmo grupo de comunicação - apresentou diferenças por parte dos dois jornais estudados: a Gazeta do Povo e a Tribuna do Paraná. O primeiro veículo, a Gazeta do Povo, pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM) e foi fundado em 3 de fevereiro de 1919 . Desde então, foram 94 anos de circulação e 30 mil edições. O jornal custa R\$2,00 em dias comerciais e R\$4,00 aos domingos.

Já a Tribuna do Paraná, foi fundada em 1956, e no início da década de 60 foi vendida para Paulo Pimentel, que viria a ser, no período seguinte, um dos nomes mais importantes da política paranaense, ocupando inclusive o cargo de governador do estado. Em 2011, o GRPCOM comprou a Tribuna, mas preferiu manter as linhas popular, esportiva e policial do veículo. O jornal custava R\$0,75 até 2012, hoje custa R\$ 1,00. Ambos os impressos circulam da cidade de Curitiba, onde está situado o Hospital Evangélico.

O estudo se deu por meio da análise das capas dos jornais durante o período de 10 dias, iniciando da data em que a médica foi presa, 19 de fevereiro. Analisou-se o destaque dado para o caso, o tamanho e o espaço utilizados na primeira página, a periodicidade em que apareceu nos jornais e também os principais valores-notícias mobilizados para construir as matérias.

Para Traquina, o jornalista sabe *instintivamente* o que é notícia, já que é sempre um juízo de valor selecionar o que é midiaticizável, o que não é e, principalmente, como fazê-lo caso seja. Ele explica: Não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre os outros; mas os critérios de noticiabilidade existem, e são duradouros ao longo dos séculos. (TRAQUINA, 2005, p. 96).

Esses critérios são classificados por ele como valores-notícia, que podem ser de diferentes naturezas e balizam a seleção do jornalista de sua perspectiva individual, mas também regido pelas estruturas da sociedade. O autor as divide em três grandes campos: critérios substantivos, contextuais e construção.

1.1 CRITÉRIOS DE NOTÍCIA

Para Traquina, os jornalistas são os responsáveis por construir as histórias cotidianas. É através da observação e da apuração dos fatos, que os profissionais encaminham suas ideias, mas também colocam ao público seus valores morais, suas conclusões sobre os fatos e, de forma subjetiva, limitam o texto a partir da linha editorial do veículo empregador.

Uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores, possivelmente do próprio dono da empresa. (TRAQUINA, 2005, p.22)

Segundo o autor, a atividade jornalística é altamente condicionada, seja pela pelas hierarquias presentes nas empresas, pela competitividade, pelo modelo de negócios dos jornais atuais ou pelas ações de diversos atores sociais que aparecerem no jornal. Esse condicionamento, transformado em critérios de noticiabilidade, determina o tratamento dado a cada matéria:

a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Traquina tenta ordenar os critérios de influência a fim de entender os limites da autonomia do jornalista.

Crítérios substantivos

São aqueles que avaliam a notícia por sua importância. “Onde há morte há jornalistas”, afirma Traquina (2005, p. 79) A morte é noticiosa e atraente e, em geral, cria

uma relação de empatia e humanidade entre o leitor e a reportagem. A proximidade geográfica e cultural – lembrando que analisamos dois jornais curitibanos- também auxiliam nesse vínculo emocional entre a notícia e o receptor. Em relação às reportagens sobre Virgínia Soares, podemos notar como a morte é abordada como principal aspecto do caso. Observando as capas, é possível notar que nenhuma outra discussão é posta em destaque. Para os jornais estudados, o que tornava o caso interessante era a acusação de homicídio e o poder de decisão sobre a morte alheia. A notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo e a notabilidade são outros dos critérios exemplificados por ele nesta categoria.

Critérios contextuais

A disponibilidade de recursos e do próprio repórter para cobrir a notícia é um critério contextual, assim como o equilíbrio subjetivo que garante o revezamento de diferentes pautas na mídia. Nesse caso, o Hospital Evangélico está situado em Curitiba, Paraná. Como a cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, em geral, são destaques para os noticiários nacionais, a mídia paranaense (principalmente curitibana) aproveitou o fato noticioso da médica para estender suas apurações, seja através de testemunhos ou denúncias de funcionários do Hospital Evangélico e, conseqüentemente, transmitir notícias nacionalmente. O furo noticioso também é parte desse critério que olha para o ambiente exterior ao veículo, levando em conta concorrência e consumidores.

Critérios de Construção

Os critérios de construção estão ligados ao apelo dado pelo veículo para que a notícia ganhe notabilidade. Nele, “entendem-se os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2005, p.91) Nessa gama está, por exemplo, a personificação da notícia, pois quanto mais personalizado for o caso, mais chances têm de ser notado. Não é a toa que a cobertura contou com muitas entrevistas e relatos de funcionários que trabalhavam diretamente com Virgínia Soares. Outra abordagem desse campo é a dramatização da notícia, que apela para o lado emocional do receptor e transforma a informação em entretenimento.

1.2. SENSACIONALISMO

Com a função de trazer para o público o que acontece na sociedade, o jornalismo brasileiro deve basear-se principalmente na imparcialidade, como prega a corrente norte-americana. Porém, antes mesmo dessa criação do jornalismo objetivo e sem juízos de valor, o sensacionalismo era um ponto forte para a venda de jornais e outros meios de comunicação em massa. Com uma necessidade crescente de atrair leitores, os jornais acabaram se tornando mais próximos da população, seja retratando algum caso de maneira extraordinária ou deturpada, ou até mesmo criando a imensa especulação sobre a vida dos famosos.

Para a jornalista Márcia Fran Amaral, no livro *Jornalismo popular*, no Brasil o sensacionalismo chegou à imprensa com a criação dos folhetins a partir de 1840, que eram capítulos de uma história, publicados em alguns intervalos de tempo. Assim, o público comprava o jornal muitas vezes para ler a história, e não por seu conteúdo, dando ao periódico a qualidade de entreter ao invés de informar.

Hoje, o jornalismo dito sensacionalista é voltado para as classes populares, com grande apelo imagético, além de, muitas vezes, ser descartado como fonte confiável. Com o principal público pertencendo às classes C, D e E, os veículos impressos que seguem esse rumo, nem sempre tentam criar uma discussão social, e sim uma forma de escapismo e entretenimento, que acabam sendo confundidos com o jornalismo.

O sensacional no jornal vende tanto quanto a matéria de fundo: diferente do jornal publicitário, a mercadoria do jornal liberal é a informação, sensacionalizada e mutilada para tornar-se mais vendável, mas ainda um artigo de real procura dos consumidores. Sob essa perspectiva, jornais podem vender tudo, desde que lhes seja lucrativo (MARCONDES FILHO, 1989, p. 88, apud FIORI et al, 2011, p. 257).

Uma marca dos jornais populares é não terem assinaturas, tendo suas edições vendidas somente em bancas. Por consequência, as capas são de extrema importância, uma vez que é através dela que o leitor irá se interessar ou não pelo que está sendo veiculado. Assim, as capas acabam ganhando chamadas que impressionam, seja por seu conteúdo ou por seu linguajar muitas vezes extremamente simples, beirando o vulgar.

O jornalista Alberto Dines expressou as formas com que essa sedução se dá durante uma palestra da Semana de Estudos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP), que ocorreu em 1969.

Nessa época, o jornalista divide, para efeitos didáticos, o sensacionalismo em três grupos: o sensacionalismo gráfico, o sensacionalismo linguístico, e o

sensacionalismo temático. O gráfico ocorre quando há uma desproporção entre a importância do fato e a ênfase visual; o linguístico é baseado no uso de determinadas palavras; e o temático caracteriza-se pela procura de emoções e sensações sem considerar a responsabilidade social da matéria jornalística (AMARAL, 2006, p. 20).

Essa definição de sensacionalismo acompanha a veiculação das notícias do Hospital Evangélico pelo jornal Tribuna do Paraná. Com grandes fotografias na capa, linguagem popular, jargões e acusações precipitadas, o jornal deixa claro sua posição antes mesmo do depoimento oficial da médica. (ver Quadro 1)

2. JORNALISMO DE REFERÊNCIA

Já os jornais ditos sérios ou de referência, buscam trazer mais ponderação em suas publicações. Procurando utilizar palavras que trazem menos juízos de valor, e também há a constante busca por ampliar os assuntos que estão em pauta no país e no âmbito internacional. Para Amaral, isso está diretamente relacionado com o público do jornal, que por ser mais escolarizado, exige um nível de discussão e qualidade mais elevado.

Cabe, no entanto, analisar que mesmo o jornalismo de referência tem sua visão voltada para o lucro, já que esse é extremamente necessário para a sobrevivência da publicação como empresa. No entanto, o leitor desses periódicos não quer se sentir manipulado, ou até mesmo induzido a pensar de determinadas maneiras.

É preciso compreender que todos os grandes jornais movem-se pelos interesses comerciais, mas os jornais de referência, para terem sucesso comercial, precisam antes de tudo ter credibilidade e prestígio perante os formadores de opinião. Em por isso ainda obedecem a certos padrões éticos. A cobertura de política não vende jornal, mas o que seria de um jornal auto-intitulado de qualidade, dirigido a formadores de opinião, que ignorasse o mundo do poder? (Amaral, 2006, p.55).

Outra característica dos jornais de referência é a de não dar espaço para o cidadão comum em suas páginas. Muitas vezes recorrendo às fontes oficiais e também aos mais poderosos das áreas em discussão, fazendo com que o povo não se enxergue nas páginas impressas. Assim, quando não se faz parte da classe que efetivamente comanda o país, o cidadão comum e principalmente o que não tem o costume ou interesse pelos desdobramentos da sociedade, não cria um interesse maior pelo jornalismo.

Porém, grandes empresas de comunicação são donas dos dois tipos de publicação, visando assim ter acesso a um público mais amplo, e conseqüentemente, lucrar mais. “Os jornais assumem formas específicas porque o que move essa imprensa é, antes de qualquer

coisa, a sedução do público e não a credibilidade ou o prestígio” (AMARAL, 2006, p. 58). Mas os consumidores permanecem segregados pelo tipo de jornalismo que lhes é oferecido, muitas vezes não se percebe que os jornais pertencem a grandes conglomerados midiáticos. Esse é o caso do grupo GRPCOM, que detém as duas publicações analisadas nesse artigo. Com públicos totalmente diferentes, o enfoque dos jornais se torna distintos já nas capas. A Tribuna tem um grande excesso de informações na maioria de suas edições, com linguagem coloquial e com muitas sobreposições de assuntos. Já a Gazeta do Povo, prefere deixar as conclusões para fontes oficiais. O impresso possui suas informações bem ordenadas, sempre referenciadas, mostrando uma maior preocupação com a credibilidade da notícia. No entanto, a apuração do jornal se limita aos depoimentos de funcionários e investigadores. (ver Quadro 1).

3. O CASO DO HOSPITAL EVANGÉLICO

Durante o período de 10 dias consecutivos em que o jornal Gazeta do Povo e a Tribuna do Paraná noticiaram o caso, houve um processo de organização para que as matérias relacionadas ao fato fossem produzidas seguindo critérios editoriais. Por exemplo, o fato de haver mortes no caso e a discussão implícita sobre a eutanásia foram fundamentais na construção da notícia enquanto uma informação de interesse público. Como a linha editorial do jornal é algo subjetivo, apesar de perceptível através das considerações de seus próprios jornalistas - é importante destacar, por exemplo, o colunista Jônatas Dias Lima escreve o Blog da Vida na versão digital da Gazeta do Povo. Nele, fica claro o posicionamento contrário à eutanásia (ou o aborto) se colocando sempre “a favor da vida”.

Partindo da premissa que a objetividade total é impossível de ser alcançada, é a partir do enfoque que o jornalista determina o tratamento do caso. Como já pontuamos, em ambos os veículos a “morte” foi o critério de noticiabilidade adotado, porém, com abordagens distintas. Enquanto a Gazeta, em um determinado momento, atenta para mudança na equipe da UTI, a Tribuna foca no relato de pacientes que ficaram internados naquela unidade do Hospital Evangélico.

Seguindo uma linha que pode ser considerada sensacionalista, a Tribuna do Paraná constantemente retomava a importância do poder de decisão da médica sobre a vida ou a morte de seus pacientes. Com títulos jocosos, o veículo chama Virgínia Soares de “Senhora do Destino”, enquanto a Gazeta do Povo prefere dar manchetes que façam referência às investigações do caso, ou seja, fontes oficiais, como em “Investigação no Evangélico é por

homicídio, diz polícia”. Portanto, a construção da notícia se dá de maneira distinta entre os veículos.

Segundo Pena (2005, p.144), a Teoria do Agendamento⁶ “não defende que a imprensa pretende persuadir. A influência da mídia nas conversas dos cidadãos advém da dinâmica organizacional das empresas de comunicação, com sua cultura própria e critérios de noticiabilidade”. Ou seja, quando a notícia é considerada velha, em tese começa o processo de transformar a narrativa em uma ‘novela da vida’, com capítulos periódicos. Além do aumento na frequência das transmissões televisivas sobre Virgínia Soares e o Hospital Evangélico, a pesquisa para esse artigo demonstrou que esse assunto se tornou um dos mais discutidos nas casas, trabalhos, na Boca Maldita (conhecido ponto de protestos, manifestações e debates políticos em Curitiba), inclusive nas redes sociais.

Nesse sentido, o caso da médica Virgínia Soares de Souza se mostra uma atrativa fonte de fatos para qualquer veículo. Se é a seleção dada aos acontecimentos pelos veículos, por meio de seus agentes, que determina quais são os fatos noticiosos – e aqueles que darão mais lucro à empresa de comunicação são os que correspondem aos critérios de valor-notícia – então a suposta eutanásia tem valor-capa. O caso, além de aparecer nas manchetes dos veículos locais, foi notado inclusive pela imprensa nacional e internacional. Fica claro que, apesar de ser narrado dia após dia como uma novela que se desenrola ao longo de mais de uma semana, os apelos do jornal estão sujeitos ao perfil e ao horizonte de expectativa de seus consumidores (e atrelado à linha editorial). Além disso, apresentam, entre a Tribuna do Paraná e a Gazeta do Povo, a linguagem que cada qual julga mais adequada para seu público-alvo.

A partir da análise, fica perceptível a construção do discurso de cada veículo, principalmente por serem bastante diferentes entre si. É preciso pontuar que, em ambos os casos, o julgamento moral já estava dado: a médica era culpada. Em resposta ao clamor popular incitado pelos meios de comunicação, o Ministério Público prontamente emitiu declarações de que ela seria punida. A construção imagética do perfil de vilã é mais evidente, se não escrachada, na Tribuna, que traz na capa do jornal a acusação: “Cabeça tranquila para matar”.

4. ANÁLISE DA GAZETA DO POVO E DA TRIBUNA

⁶ De acordo com este pensamento, a mídia determina a pauta (em inglês, agenda) para a opinião pública ao destacar determinados temas e preterir, ofuscar ou ignorar outros tantos.

No dia 19/02/2013 ,quando o caso das mortes ocorridas no Hospital Evangélico veio à tona e foi noticiado pela mídia, a médica Virgínia de Souza teve sua prisão temporária decretada, tanto a Gazeta do Povo como a Tribuna já estavam em circulação, portanto no jornal impresso desse dia não encontramos notícias sobre o assunto.

No dia seguinte, 20/02, ambos os jornais dão destaque ao caso e o colocam na primeira página como manchete. Na capa da Gazeta: “Nova denúncia agrava crise no maior hospital privado do estado”, enquanto na Tribuna lemos: “Senhora do destino”. Nessa primeira capa já se pode notar a diferença: a Tribuna coloca somente a manchete na capa inteira em letras garrafais com uma foto da médica, não há outras chamadas na edição desse dia. Já a Gazeta continua com o mesmo layout, também dá destaque ao caso, mas não de forma tão agressiva, a foto da capa da Gazeta não é relacionada ao caso, a manchete alterna entre letras maiúsculas e minúsculas. A maneira como foi organizada a capa da Tribuna chama mais atenção e choca muito mais em relação a da Gazeta, mas também é possível verificar a opinião do jornalista ou do próprio jornal. Quando olhamos a capa temos a impressão de que a médica é culpada, ou seja, o jornal a está julgando e já está a tratando como se realmente tivesse cometido os crimes, quando na realidade a médica naquele momento era somente suspeita.

Dia 21/02, mais uma vez nos dois jornais o caso é manchete. A Gazeta informa: “Investigação no Evangélico é por homicídio, diz polícia” e na Tribuna se lê: “SPP da morte”, se parar parou era a sigla utilizada pela médica para pacientes do Sistema Único de Saúde na UTI do hospital. Novamente pode-se notar que a Tribuna utiliza manchetes mais agressivas demonstrando um pouco de opinião a respeito do caso, além disso, a forma como são escritas traz mais sensacionalismo ao fato que já teve grande destaque na mídia de uma forma geral.

Na sexta-feira, dia 22/02, a Tribuna ainda colocou como manchete o caso da médica que supostamente matava pacientes na UTI do Evangélico, o texto dessa edição diz: “Tentaram me matar”, em referencia à um bilhete escrito por uma paciente que estava na UTI do hospital. Na edição da Gazeta do mesmo dia o fato não é manchete, há somente uma chamada na capa e não noticia o mesmo que a Tribuna. A Gazeta informa na edição de sexta que o Hospital Evangélico mudou a equipe de UTI após o escândalo, substituindo toda a equipe que trabalhava com a médica Virgínia de Souza. Pode-se observar nas edições desse dia que os dois jornais trataram do caso, mas com enfoques diferentes, a Tribuna deu

maior destaque colocando-o como manchete, enquanto a Gazeta colocou uma pequena chamada na capa.

Na edição de sábado, dia 23/02, a Gazeta tem uma chamada pequena na capa: “Polícia apura seis mortes no Evangélico”. Já a Tribuna que vinha trazendo manchetes sobre o caso por três dias consecutivos não noticiou nada sobre o assunto na capa, contudo há uma matéria de pequena proporção relatando os detalhes da prisão da médica divulgados por sua defesa.

No domingo, dia 24/02, o jornal Gazeta do Povo colocou novamente uma pequena chamada na capa onde dizia que a Justiça ordenou a prisão de quatro pessoas no hospital Evangélico. No domingo a Tribuna não circula; dessa forma, na edição do dia 25/02 o jornal informou com chamada na capa as prisões da seguinte maneira: “Bronca do Evangélico: mais três em cana”. Além disso, há também um comunicado do hospital à comunidade se retratando perante o público.

Na capa da Gazeta do mesmo dia há uma chamada com foto falando sobre o abraço simbólico que o Evangélico recebeu de funcionários. Diante desses fatos, pode-se notar que há uma diferença bastante gritante na linguagem utilizada pelos dois jornais. Enquanto a Tribuna utiliza termos mais populares como “em cana” em função de seu apelo mais popular, a Gazeta usa termos mais coloquiais por se tratar de um jornal mais elitizado.

Na capa do dia 26/06, terça-feira, os dois jornais trazem de volta o assunto em suas chamadas. Embora tratem do mesmo assunto, novamente as notícias sobre o caso são diferentes. Enquanto a Tribuna fala que ocorreu outra prisão no Evangélico, a Gazeta informa que a Justiça quebrou o sigilo sobre o caso do Hospital.

No dia seguinte, 27/02, o caso ainda é destacado pela mídia. Ambos os jornais têm chamada na capa falando a respeito das provas. A chamada da Gazeta do Povo afirma: “Agente gravou áudio no Evangélico” e a chamada da Tribuna fala que o Ministério Público e o Sindicato dos Delegados de Polícia afirmaram ter provas fortes a respeito do escândalo.

E por fim, no dia 28/02, pode-se observar uma discrepância bastante gritante em relação à cobertura feita pelos dois jornais. Enquanto a Gazeta do Povo não traz nada em sua capa sobre o escândalo do Evangélico, na Tribuna, 10 dias depois do caso vir a público, se lê na manchete, em letras maiúsculas, como de costume: “Cabeça tranquila para matar” e a mesma foto da médica que saiu na capa alguns dias antes. O fato chama a atenção pois, 10 dias após a prisão temporária da médica, o caso não era mais tratado com destaque na

mídia, tanto é, que a Gazeta nem publicou nada na capa sobre o escândalo. Na edição de quinta-feira foi publicada pelo jornal uma matéria revelando que a UTI não detalhava os relatórios de óbitos, mas essa informação não é encontrada na capa do jornal.

É importante ressaltar, que assim como outros jornais, a manchete do dia 28/02 da Tribuna não condiz com a realidade. Cinco dias após Virgínia ser presa e depois da mídia espalhar tal frase como dita pela médica, a polícia informou que ocorreu um erro de transcrição no inquérito e que na verdade a médica disse no telefonema que estava com “a cabeça tranquila para raciocinar” e não para matar, como foi divulgado por toda a imprensa. Ou seja, não houve uma apuração correta dos fatos em um primeiro momento, a transcrição da fala da médica vazou para a imprensa sem o áudio e grande parte dos jornais e noticiários passaram a divulgá-la sem duvidar de que aquilo não fora dito pela médica.

Quadro 1: Chamadas de Capa

Data	Gazeta do Povo	Tribuna
20/02	“Nova denúncia agrava crise no maior hospital privado do estado”	“Senhora do Destino”
21/02	“Investigação no Evangélico é por homicídio, diz polícia”	“SPP da morte”
22/02	-----	“Tentaram me matar”
28/02	-----	“Cabeça tranquila para matar”

Analisando a tabela a respeito das capas dos dois jornais na época em que noticiaram o escândalo do Evangélico (ver quadro 2), percebe-se que a Tribuna deu mais notoriedade ao caso, colocando mais manchetes sobre o assunto. Dos 10 dias analisados, a Tribuna colocou o caso como manchete 4 vezes, o dobro do que foi utilizado pela Gazeta. Já em relação às chamadas na capa, a Gazeta noticiou mais, dos 10 dias, 6 tiveram alguma chamada a respeito da médica e do hospital; na Tribuna esse número é menor, a metade. Dessa forma podemos observar que dos 10 dias em que foi feito o presente estudo, ambos os jornais noticiaram algum fato novo sobre o caso do Evangélico. Somente no dia em que a médica teve sua prisão temporária decretada não é possível encontrar material, pois as edições daquele dia já estavam circulando.

Quadro 2: Periodicidade da notícia

Fev/2013	Gazeta do Povo	Tribuna
Manchetes sobre o caso	2 dias	4 dias
Chamadas na capa	6 dias	3 dias
Não há chamadas na capa a respeito do caso	2 dias	2 dias

5. Considerações finais

Após a análise das capas dos dois diários, é possível observar a irresponsabilidade e a falta de compromisso de apuração dos jornais. Com reportagens que acusavam a médica antes mesmo de sua condenação, a Gazeta e a Tribuna se tornaram cúmplices do sistema judiciário. Indo contra, até mesmo, o princípio de presunção da inocência, previsto em nossa Constituição Federal, que prevê que ninguém poderá ser considerado culpado sem uma sentença penal condenatória. As imagens e as chamadas sensacionalistas contribuem para a criação de um personagem, como indica Traquina (2005), a fim de contribuir para a depreciação da imagem da médica, bem como ganhar atenção de um público que está acostumado com a espetacularização do jornalismo.

Em detrimento da informação ou da discussão, os jornais em questão sequer se preocupam em debater aprofundadamente temas que circulam o caso, como a eutanásia ou as condições de um sistema privado de saúde. Segundo as próprias reportagens, a médica foi acusada de desligar aparelhos de pacientes ligados ao Sistema Único de Saúde, o SUS, para abrir vagas para pacientes de convênios particulares. No entanto, nenhuma discussão sobre a mercantilização da vida para hospitais particulares, ou a precarização dos serviços devido a superlotação de leitos foi publicada nos impressos.

Quanto à eutanásia, o assunto nunca foi mencionado nas capas, muito menos discutido por especialistas. A morte encefálica ou até mesmo o Acidente Vascular Cerebral (AVS) aparecem em obituários frequentemente, mas não como tema central de discussões em veículos de comunicação. A dicotomia estabelecida pelos editoriais sobre o tema leva a crença de que estar a favor da eutanásia é estar contra a vida. Assim, Virgínia Soares foi caracterizada como o carrasco em si, ou como dizia a capa da Tribuna “Senhora do destino”, evidenciando um jornalismo que preferencia o personagem e o espetáculo em detrimento da discussão pública.

Referências bibliográficas

AMARAL, Márcia Franz, *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

Gazeta do Povo, 94 anos. **Jornal de Londrina**, Londrina, 03 de fev. 2013

Disponível em:

<<http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?tl=1&id=1341761&tit=Gazeta-do-Povo-94-anos>>

Acesso: 14 de jul. 2013

GRPCom anuncia compra da Tribuna do Paraná. **Gazeta do Povo**, 10 de dez. 2011

Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=1201621&tit=GRPCom-anuncia-compra-da-Tribuna-do-Parana>>

Acesso: 14 de jul. 2013

O papel do jornal. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 06 de fev. 2012

<<http://www.gazetadopovo.com.br/edicao30mil/conteudo.phtml?tl=1&id=1209966&tit=O-papel-do-jornal>>

Acesso em: 14 de jul. 2013

Gazeta do Povo, Curitiba, 19 de fev. 2013, n. 30408, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 20 de fev. 2013, n. 30409, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 21 de fev. 2013, n. 30410, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 22 de fev. 2013, n. 30411, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 23 de fev. 2013, n. 30412, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 24 de fev. 2013, n. 30413, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 25 de fev. 2013, n. 30414, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 26 de fev. 2013, n. 30415, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 27 de fev. 2013, n. 30416, capa.

Gazeta do Povo, Curitiba, 28 de fev. 2013, n. 30417, capa e p. 07.

MARCONDES FILHO, Ciro. 1989 p. 88 apud FIORI, Bruna da Silva et all. *Jornalismo e Sensacionalismo: O fato, a notícia e o show*. Presidente Prudente, 2011. 15f. Artigo produzido para a disciplina Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação. Curso de Comunicação Social, Universidade Oeste Paulista.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. II, Florianópolis: Insular, 2005.

Tribuna, Curitiba, 19 de fev. 2013, n. 17301, capa.

Tribuna, Curitiba, 20 de fev. 2013, n. 17302, capa.

Tribuna, Curitiba, 21 de fev. 2013, n. 17303, capa.

Tribuna, Curitiba, 22 de fev. 2013, n. 17304, capa.

Tribuna, Curitiba, 23 de fev. 2013, n. 17305, capa e p. 06.

Tribuna, Curitiba, 25 de fev. 2013, n. 17306, capa.

Tribuna, Curitiba, 26 de fev. 2013, n. 17307, capa.

Tribuna, Curitiba, 27 de fev. 2013, n. 17308, capa.

Tribuna, Curitiba, 28 de fev. 2013, n. 17309, capa.